

QUEM CONTROLA QUEM? A CONFIANÇA PRAGMÁTICA NO JORNALISMO¹

Samária ANDRADE²; André GONÇALVES³, Vitória PILAR⁴, Urziana MORAES⁵, Carlos COELHO⁶

RESUMO

A reestruturação capitalista das últimas décadas, com avanço das plataformas digitais e mudanças tecnossociais, altera mundo do trabalho, práticas e perfil profissional no Jornalismo, modificando também a relação com o público e a percepção deste sobre a atividade jornalística.

O jornalismo sai do modelo consolidado no século XX para um formato fragmentado e com heterogeneidade de atores (Mick & Tavares, 2017; Fígaro, 2018). Ao tempo em que têm acesso as formas de produzir e distribuir conteúdos, parcelas do público adquirem capacidades críticas em relação a mídia e desconfianças sobre o Jornalismo produzido. O Relatório Reuters 2025⁷ apontou que, no Brasil, a confiança nas notícias é de 42%. Ou seja: mais da metade dos brasileiros desconfia do Jornalismo. Isso se associa a instabilidades da reestruturação produtiva, como diminuição de empregos formais, precarização (Antunes, 2022), ascensão do neoliberalismo (Cruz Brittos, 2022) e mudanças estruturais na profissão (Pereira & Adghirni, 2011). Para Souza (2024, p.64) “a credibilidade do jornalismo como prática profissional e serviço público é incessantemente afetada em tempos de capitalismo flexível”.

Nessas condições, muitos grupos apostam na desintermediação do Jornalismo. Mesmo assim, este continua sendo espaço de visibilidade que interessa a grupos e pautas. Enfocando os movimentos sociais, Figueiredo (2016, p.7) argumenta que eles “dependem de uma esfera pública funcionando [...] para que possa levar sua mensagem ao maior número de pessoas possível”.

Esse estudo analisa o cenário complexo em que, mesmo desconfiando do Jornalismo, pessoas e grupos buscam o espaço fornecido por este. Nossa hipótese é que, não podendo/querendo abrir mão desse espaço, desenvolve-se o que chamamos de uma confiança pragmática no Jornalismo.

A tendência é afastar a percepção do Jornalismo como conhecimento sobre a realidade, para concebê-lo como espaço a ser “aproveitado”. Enquanto se intensifica a subsunção do trabalho ao capital (Bolaño, 2000), o Jornalismo, que também tenta tirar proveito da racionalidade neoliberal, é interpretado como passível de uso para empreendimentos diversos.

¹ Trabalho apresentado ao GT 5 - Economia Política do Jornalismo

² Samária Andrade é doutora em Comunicação pela UnB, Professora do PPGCOM UFPI e de Jornalismo UESPI, Coordenadora do TRAMPO Pesquisa - Trabalho e Mídia: Teoria e Práxis Noticiosa (UESPI/CNPq) e pesquisadora no Grupo COMUM (UFPI/CNPq). E-mails: samaria@cceca.uespi.br e samaria.andrade@hotmail.com

³ André Gonçalves é doutorando em Filosofia pelo PPGFIL/UFPI e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFPI. Pesquisador nos grupos TRAMPO Pesquisa (UESPI/CNPq); IPÊ – Informação Pública e Eleições (UnB/CNPq); e Núcleo de Pesquisa em Cinema e Visualidades (UFPI/CNPq). E-mail: andre.goncalves@ufpi.edu.br

⁴ Vitória Pilar é Jornalista, mestranda em Comunicação pela UFPI, graduada em Jornalismo pela UESPI, pesquisadora no TRAMPO Pesquisa (UESPI/CNPq). Email: vitoriaxxh@hotmail.com

⁵ Urziana Moraes é professora, Mestre em Comunicação pela UFPI, graduada em Jornalismo pela UESPI, pesquisadora no TRAMPO Pesquisa (UESPI/CNPq). Email: urziana@gmail.com

⁶ Carlos Coêlho é Jornalista, mestrando em Comunicação pela UFPI, graduado em Jornalismo pela UESPI, pesquisador no TRAMPO Pesquisa (UESPI/CNPq). Email: carlos01.cs41@gmail.com

⁷ Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025> Acesso em: 11 fev. 2026.

Fundamentados em autores da EPC, utilizamos dados de pesquisas e entrevistas com moradores da comunidade Poti Velho, em Teresina⁸. Ao tempo em que desconfiam do Jornalismo (“Alguns jornalistas pecam” - Raimundo)⁹; eles enxergam que a mídia pode ser parceira de negócios (“Se a pessoa for pagar [por propaganda] é caro, e a gente tem esse serviço 0800” - Antônia).¹⁰

As análises consideram a dialética marxista e o caráter contraditório das relações onde o sujeito tanto sofre pressões a se engajar no espírito do capitalismo (Boltanski; Chiapello, 2020), como não reduz a consciência às condições dadas, mas produz e reproduz a realidade, desenvolvendo estratégias junto aos demais atores sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022.

BOLAÑO, C. **Indústria cultural: informação e capitalismo**. São Paulo: Polis, 2000.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

CRUZ BRITTOS, V. O papel do Estado e os desafios do capitalismo contemporâneo. In: CRUZ BRITTOS, V; Org. BOLAÑO, C. **Estudos culturais, economia política da comunicação e o mercado brasileiro de televisão**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022.

FÍGARO, R. (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FIGUEIREDO, C. Internet, comunicação alternativa e movimentos sociais: uma análise a partir da Economia Política da Comunicação e da teoria dos movimentos sociais. IN: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais...**São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016.

MICK, J.; TAVARES, L.M. A governança do jornalismo e alternativas para a crise. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor. **Anais [...]**. v.13, n.2, p. 120-145, 2017.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. O estudo do jornalismo em tempos de mudanças estruturais. In **Texto**. Porto Alegre: UFRGS, v.01, n. 24, p. 38-57, 2011.

REUTERS INSTITUTE. Relatório Digital News Report. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025> . Acesso em: 11 fev. 2026.

SOUZA, R.B.R. **Jornalismo, trabalho e marxismo**. Vitória/ES: EDUFES, 2024.

⁸ Este texto utiliza resultados parciais dos projetos “As práticas informacionais dos públicos locais: uma comparação Argentina, Brasil, Canadá e França” e “Os mundos locais da informação: uma comparação Brasil-França”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil, processos nº 402776/2024-0 e 402888/2023-5.

⁹ Os nomes dos entrevistados foram substituídos para preservar a privacidade destes.

¹⁰ Além dos autores que assinam esse artigo, essa pesquisa ainda conta com a participação dos pesquisadores, graduandos em Jornalismo na UESPI, Maria Eduarda Marques Veras e Filipe Benson.

